

ENSAIO TEMÁTICO

DO MERCADO TOTAL AO IMPÉRIO TOTALITÁRIO *

(*Franz J. Hinkelammert*)

Gostaria de aproveitar esta ocasião para destacar alguns traços característicos do sistema imperial atual no qual vivemos. Trata-se de traços característicos que levaram, sobretudo nos anos setenta, a um movimento político de massa nos Estados Unidos — “conservadorismo de massa” — e que chegou nesse país em 1980, quando o presidente Reagan sobe ao governo; desde então este movimento se estendeu rapidamente a grandes partes do mundo ocidental.

Esta ascensão é acompanhada de um chauvinismo ilimitado e de uma nova mística da violência e da guerra como não se conhecera desde os anos vinte e trinta deste século e que aparece como conseqüência de um ressentimento provocado por uma guerra perdida. Isto tudo se junta a um neoliberalismo antiintervencionista extremo que para sua política precisa do mercado total, da aplicação arbitrária da violência sem a qual não é possível impô-lo. Os interesses econômicos unidos à situação de ressentimento conduzem a uma mística armamentista que une o liberalismo econômico e o armamentismo ilimitados com uma nova utopia da sociedade e da paz e com um novo messianismo de um reino milenar. Quem contribui com esta mística milenarista é o fundamentalismo cristão como se formou nos Estados Unidos desde o século passado. Neste processo os Estados Unidos se transformam num centro de poder imperial que consegue dividir o mundo inteiro em termos de amigos e inimigos, para tratá-lo de modo correspondente.

Surge um poder que se origina num sentido novo da disponibilidade de armas atômicas. As armas atômicas deixam de causar um empate atômico na medida em que cada um dos poderes atômicos pode fazer crer em sua disposição em

* Conferência proferida na 7ª Westberliner Volksuni (Universidade Popular de Berlim Ocidental), em Pentecostes, 1986.

usar as armas atômicas, levando ao suicídio coletivo da humanidade. Como o resto da humanidade não tem a mesma disponibilidade, cai numa dependência completa. Quem, na situação de empate atômico, pode tornar crível a disposição da humanidade ao suicídio coletivo, se torna em certo sentido todo-poderoso. Uns se submetem para participar deste poder total e os outros cedem para não se transformarem em motivo da catástrofe.

A racionalidade política — como qualquer racionalidade social — se baseia na negação do suicídio coletivo. Quem apela para o suicídio coletivo ou para um novo crepúsculo dos deuses — que hoje aparece nos EUA sob o nome de Harmagedon — destrói as bases da racionalidade política, transforma o empate atômico em roleta atômica e baseia seu poder na irracionalidade e na arbitrariedade.

Gostaria de analisar esta situação nova a partir da ideologia econômica do neoliberalismo.

1. *O mercado total como técnica social*

Quando o neoliberalismo entende o mercado como mercado total, desata uma dinâmica que está presente de alguma maneira em qualquer liberalismo, embora de forma não explícita. No liberalismo do século XIX realidade e mercado são relacionados de uma maneira tal que as crises econômicas que destroem ou desordenam o mundo da satisfação das necessidades têm que ser corrigidas por reformas conseqüentes do mercado e por intervenções estatais eventuais. As crises econômicas, que se repetem constantemente, transformaram-se, por conseguinte, no ponto de partida de uma longa história de intervenções econômicas que perseguiram a intenção de corrigir o mercado sem pôr em dúvida a vigência do automatismo do mercado. O keynesianismo levou mais longe esta política de reforma.

O neoliberalismo atual, porém, leva a sério de uma maneira completamente nova e dogmática a idéia do automatismo do mercado. Desta maneira muda o ponto de partida da ideo-

logia do mercado. De repente declara que as crises econômicas não são consequência do automatismo do mercado, as quais devem ser enfrentadas através de correções do mercado e intervenções, mas são consequência de uma implantação insuficiente desse mesmo automatismo do mercado. Já não se deve corrigir o mercado em nome da realidade e do mundo da satisfação das necessidades, mas agora a realidade deve se adaptar às necessidades do mercado. Querendo-se aperfeiçoar a realidade, é preciso reforçar o automatismo do mercado. O mercado é considerado como uma instituição perfeita. O que está faltando é apenas impô-lo em termos totais e perfeitos. A realidade (pobreza, desemprego, subdesenvolvimento, destruição do meio ambiente) não é consertada pela solução concreta destes problemas mas pela extensão dos mecanismos do mercado, sacrificando esta solução. As necessidades têm que se adaptar ao mercado e não o mercado à satisfação das necessidades. Não é o mercado que deve ser corrigido, mas a realidade. Do caráter perfeito do mercado segue um "ai da realidade!"

Na ideologia do mercado o apelo por mais mercado se transforma na promessa vazia da solução dos problemas da pobreza, do desemprego e da destruição do meio ambiente. Aos problemas concretos que aparecem é dada uma só resposta que se repete monotonamente: mais mercado.

Mas a realidade não se adapta simplesmente ao automatismo do mercado e sua ideologia. Mais mercado significa mais crises econômicas de maior profundidade. Submetidas unicamente às regras do mercado, as crises são reforçadas e aparece a resistência.

Mas a ideologia do automatismo do mercado reage agressivamente e se fecha em si mesma. Das crises e da resistência não pode concluir senão que não há suficiente mercado, para provocar a radicalização da política do mercado. Finalmente, o automatismo do mercado é completamente tautologizado. Das crises que o mercado origina se conclui que está faltando mais mercado. Ao se aprofundarem as crises, se conclui a necessidade de mais mercado ainda, e assim as crises são mais aprofundadas. Mas o dogmatismo do automatismo do mercado

tautologizado é absoluto, e este caminho agressivo prossegue de maneira mais radical ainda. Aparece a resistência. Mas esta resistência — seja ela de sindicatos, de organizações, de proteção do meio ambiente ou de grupos políticos — pode ser considerada apenas como irracional e mal intencionada. Para o ideólogo do mercado não pode haver nenhuma dúvida de que o mercado é uma instituição perfeita, cujo potencial escondido só pode ser libertado através de uma política de mais mercado. A resistência aparece, portanto, como pura arbitrariedade, como uma atitude sem nenhuma racionalidade própria, como obsessão do poder ou como utopia dirigida contra o realismo pretendido do mercado. Milton Friedman expressa isso da seguinte maneira:

Na realidade a causa principal das objeções à economia livre é precisamente o fato de realizar tão bem suas funções. Dá às pessoas o que realmente querem e não o que um grupo determinado pensa que deveriam querer. No fundo de quase todas as objeções contra o mercado livre há uma falta de fé na própria liberdade.¹

Mas o que leva à resistência é precisamente a pobreza, o desemprego e a destruição da natureza. Neste campo o mercado não cumpre de modo algum sua função. Contudo, o neoliberal não pode constatar senão uma falta de fé no mercado e a irracionalidade da resistência. O neoliberal crê de uma maneira verdadeiramente religiosa que apenas mais mercado pode solucionar estes problemas. Desta maneira se torna tanto mais agressivo quanto menos encontra esta fé.

No entanto, esta agressividade não termina aqui. Não se pode de fato transformar o mercado num mecanismo exclusivo de socialização porque sempre restam atividades não submetidas ao mercado. Sempre se pode responsabilizar estes elementos desviados do mercado pelo fato de o automatismo do mercado ainda não funcionar. Como jamais funcionará e como toda a sociedade jamais pode ser submetida, o lema agressivo de mais mercado se transforma num princípio de movimen-

1. FRIEDMAN. M., *Capitalismo y libertad*. Madrid, 1966, p. 30.

to infinito da sociedade capitalista. Este lema explica sempre de novo todas as crises pelo pretenso fato de não haver capitalismo suficiente e orienta toda ação referente às crises para a expansão do capitalismo. O mecanismo se torna inatacável.

Deste modo surge a ideologia do antiintervencionismo. Este antiintervencionismo é um processo sem fim, uma dinâmica sem limites. A meta não é nada, o processo é tudo. Trata-se de uma política do mercado total que faz a tentativa de estender o mercado ilimitadamente a todos os âmbitos da vida. O sujeito é reduzido a suas funções mercantis apenas, reduzindo todas as relações sociais às relações do mercado.

Ora, a realidade pode ser negada, mas isso não significa que a realidade deixe de existir como consequência desta negação. Pode-se estar contra as intervenções no mercado, mas isto não significa necessariamente que as intervenções no automatismo do mercado desapareçam como consequência da política antiintervencionista. Pelo contrário, parece que outras linhas de intervenção se impõem como consequência da negação contra a intervenção. Por causa do antiintervencionismo as intervenções não diminuem mas mudam apenas sua estrutura e provavelmente aumentam. No Chile, por exemplo, o antiintervencionismo levou a uma situação na qual o governo militar interveio numa parte maior do sistema bancário do que ocorreu no governo da Unidade Popular. O antiintervencionismo produz crises tais que o grau de intervenções não intencionais aumenta precisamente como resultado da política antiintervencionista. Não se substitui o intervencionismo através de uma ausência de intervenções. Pelo contrário, substitui-se o intervencionismo sistemático do capitalismo organizado pelo intervencionismo não intencional de um capitalismo agora conscientemente desorganizado.

Este novo intervencionismo, portanto, é anti-social, anti-sistemático e arbitrário, e depende, numa medida maior do que antes, da existência de um estado policial. A tentativa de encontrar uma solução definitiva através de uma política de choque cria apenas uma desordem maior do que a que existia antes. Em vez de tornar consistente o intervencionismo sistemático do capitalismo organizado através de um plano

global, o antiintervencionismo transforma o intervencionismo sistemático num intervencionismo sem sistema. O intervencionismo mesmo, porém, não mostra a mínima tendência a desaparecer.

A crise atual da assim chamada política econômica orientada pela oferta, que se manifestou com a renúncia do chefe de orçamento dos Estados Unidos, David Stockman, atesta este fato.

Stockman fracassou devido à sua convicção completamente errônea, segundo a qual o antiintervencionismo leva a uma diminuição das intervenções. Ao contrário, a política antiintervencionista provoca um aumento das intervenções. Seu livro, publicado depois de sua renúncia com o título *O triunfo da política*, demonstra que não se deu conta destes fatos. Como demonstra o título, ele acha que o monstro da "política" é culpado, deixando flutuar o automatismo do mercado como *societas perfecta* por cima de uma realidade que não tem nada a ver com a catástrofe que este mesmo mercado origina.²

Desta maneira o mercado adquire sua imagem de perfeição. Suas imperfeições são apenas aparentes e produto de forças que

2. Muitos neoliberais notam freqüentemente esta contradição interna do antiintervencionismo, sem contudo tirar conclusões. Popper, por exemplo, diz que acha insustentável um "antiintervencionismo universal" mesmo que seja "por razões puramente lógicas, pois seus partidários não terão outro remédio senão recomendar uma intervenção política destinada a impedir a intervenção" (POPPER, Karl, *La miseria del historicismo*. Madrid, Alianza Editorial, 1973, p. 74-75).

No entanto, declara em seguida que "o antiintervencionismo pode ser qualificado como uma doutrina tipicamente tecnológica" (p. 75). Popper não explica como algo pode ser uma doutrina tipicamente tecnológica se, segundo sua própria opinião, é até logicamente impossível. David Stockman expressa esta mesma contradição da seguinte maneira: "No sentido racional (a revolução de Reagan) era factível. Ofereceu um programa amplamente antibem-estar para garantir à economia americana mais dinâmica e crescimento sadio. Mas isso implicava mudanças tão radicais na estrutura de gastos e rendas do país, que a revolução em geral não era politicamente possível" (*Spiegel*, 16, 1986: 203).

Agora temos a contradição entre o que é factível em sentido racional e o politicamente factível. Há duas factibilidades diferentes, uma racional e a outra política? Num outro lugar diz que apenas um chanceler de ferro poderia ter transformado em politicamente factível o que o era em termos racionais. De quanto ferro teria necessitado este chanceler? Há tanto ferro no mundo? Aqui se torna óbvia a lógica inerente para o estado absoluto da política econômica orientada pela oferta. O que aparece por trás desta tendência, porém, é o fato de que também nenhum estado absoluto é capaz de tornar factível este antiintervencionismo. A factibilidade racional pretendida não é mais do que a construção teórica de uma instituição perfeita que ajuda obviamente a uma tendência totalitária. Ela não termina com a renúncia de Stockman. Em vez disso, substitui-se a tentativa de uma política de choque por um processo ilimitado e irracional.

Bismarck, o chanceler de ferro, porém, não tentou realizar nada impossível mas impôs o possível: uma política intervencionista sistemática.

distorcem o automatismo do mercado. Portanto, em última instância as imperfeições do mercado são explicadas pela resistência mal intencionada contra ele. O mercado é bom e é vivido como *societas perfecta*, que não pode mostrar toda a sua perfeição pelo fato de a resistência irracional e mal intencionada o impedir.

Esta idéia do automatismo do mercado é a utopia de uma instituição perfeita. Por isso a teoria econômica neoclássica pode chamar o modelo teórico deste automatismo do mercado de modelo da competição perfeita. É a expressão teórica da utopia de uma instituição perfeita.

No entanto, os neoliberais não percebem o caráter utópico desta utopia. Quanto mais a ideologia do mercado ideologiza e tautologiza o automatismo do mercado, tanto mais se sente como realista e considera todos os que têm opinião diferente como utopistas. O mercado parece ser o princípio fundamental de todo realismo e quanto mais incondicionalmente se crê nele, com mais evidência parece ser certo o resultado da ideologia do mercado. Desta maneira o mercado chega a ser a presença de uma perfeição que é preciso impor. Esta perfeição está presente no mercado como potência e deve ser atualizada quebrando qualquer oposição ao automatismo do mercado. A extensão agressiva do mercado e a destruição ou debilitamento decisivo de todos os grupos que poderiam fazer resistência transforma-se no objeto de uma técnica social. Esta tem a dimensão dupla de uma política estrutural e da repressão policial.

2. *A demonologia social e a conspiração mundial*

A tautologização do automatismo do mercado e sua transformação em processo de extensão das relações mercantis como única resposta às crises e à resistência dá ao mercado o caráter de um mercado total. Este mercado total representa efetivamente um mundo fictício derivado do automatismo do mercado real. Ao fazer essa ficção (o ponto de partida de uma técnica social), ela é transformada numa realidade justa-posta ao mundo da satisfação das necessidades.

Ao aparecer a resistência contra o mercado total como causa de todos os problemas da realidade concreta, surge um princípio sectarista que leva a uma dualização maniqueia do mundo inteiro. A instituição mercado se torna a sede da perfeição num mundo que não pode ser atualizado porque a oposição dos maus o impedem. Por isso, em nome de sua perfeição absoluta, a instituição tem que ser imposta sem piedade. Aparece o pensamento: ou eles ou nós, caos ou ordem, o diabo ou Deus. Há forças do mal que estão agindo para destruir a perfeição absoluta potencialmente presente no mercado. Forças do mal dão origem às imperfeições da *societas perfecta* do automatismo do mercado. Não há nenhuma razão racional para a existência da crise e da resistência porque o mercado jamais pode ser sua causa. É a maldade pura que explica sua existência. Portanto, as forças do mal se mostram tanto mais poderosas quanto menos perfeito for o mercado.

Sendo mundial o mercado, esta visão do mundo leva à tese da conspiração mundial contra a *societas perfecta* do mercado. Esta conspiração mundial é vista como o Reino do Mal ou o reino do terror, que tem um centro mundano que se chama *Kremlin*. Por trás deste centro visível da conspiração mundial, aparece o demônio, que se chama Lúcifer, um aparente portador da luz que espalha as trevas atrás da aparência de luz. A ideologia do mercado é transformada, portanto, em teologia política, que parte desta demonologia.

A ideologia neoliberal do mercado liberta-se completamente da realidade, com o resultado de poder reagir apenas de maneira agressiva contra tudo o que tornar presente o mundo da satisfação das necessidades frente ao mercado. Ela é essencialmente e sobretudo antiintervencionista. Fala em nome de forças automáticas e mágicas de mercado para se opor a qualquer projeto concreto de solução das crises. Em nome de um pretenso realismo, ela se apresenta como antiutópica e denuncia qualquer solução concreta dos problemas como utópica ou inspirada em utopias. Ela é antiterrorista porque apresenta qualquer terrorismo como resultado do intervencionismo ou do utopismo. Como consequência destes "antis", ela é anticomunista, porque interpreta em último termo o intervencionismo,

o utopismo e o terrorismo como resultados do comunismo. Este, por sua vez, é considerado o centro da conspiração mundial contra a *societas perfecta* do automatismo do mercado. Portanto, a ideologia do mercado já não tem nenhum conteúdo concreto. Ao se emancipar da realidade, já não tem nada a dizer sobre a realidade. Para todos os problemas urgentes tem apenas uma resposta deduzida de princípios e completamente dogmática: mais mercado. Por isso não pode nem dizer o que é. Usa, como nome para este nada, a palavra liberdade. Mas o conteúdo desta palavra não é mais do que a soma dos "antis" pronunciados em nome do mercado. A liberdade está ali onde não está o comunismo. Não é mais do que a soma de condições para a totalização do mercado que, por sua vez, não é mais do que a emancipação da realidade.³

O fato de a realidade continuar presente como mundo da satisfação de necessidades é sentido como presença contínua do reino do mal e, portanto, da conspiração mundial contra o automatismo do mercado como presença da perfeição no mundo. Portanto, toda a sociedade tem que ser mobilizada contra o Reino do Mal, apesar de ser impossível extirpá-lo por completo. A conspiração mundial dá assim o denominador comum mítico para esta luta contra o Reino do Mal. Ele está envolvido em tudo, e tudo o que é negativo neste mundo adquire agora um centro por trás do qual está o demônio. Em seu discurso perante o Congresso, no qual pede cem milhões de dólares para os "contras" na Nicarágua, Reagan diz:

Não, parece que não há nenhum crime em que os sandinistas não estejam envolvidos; este é um regime fora da lei.⁴

O próprio adversário é transformado em maldade, em presença do mal neste mundo. Como é a maldade absoluta, já

3. Esta emancipação da realidade já é anunciada em geral na linguagem de Reagan. Reagan nem sequer leva em conta o fato de existir uma União Soviética. Para ele existem apenas "os russos". Para ele, Estados Unidos é "América" e os cidadãos dos EUA são "americanos". Quando surge um conflito entre Estados Unidos e União Soviética, para ele se trata de um conflito entre América e os Russos. Esta linguagem do presidente dos EUA não expressa de modo algum os fatos políticos. Por isso existe também a suspeita de que a frase "América para os americanos" não significa senão: toda a América para os EUA.

4. *Barricada*, 19-03-1986.

não é preciso provar nada. É culpado até sem provas. Se o adversário de fato não cometeu um crime determinado, de qualquer forma poderia tê-lo cometido. Se tivesse sido conseqüente, deveria até tê-lo cometido. Se, apesar disto, não o cometeu, o fato de não o ter cometido é uma prova de que se trata de um hipócrita ou de um covarde. Portanto, não se comete nenhuma injustiça contra ele se lhe for imputado um crime com o qual ele não tem nada a ver. Pode-se ter provas ou elas podem ser fabricadas. Isso não é nenhuma falsificação porque se imputa ao adversário apenas aquilo que deveria ter cometido segundo sua maldade essencial. O adversário se torna um inimigo objetivo contra o qual os argumentos não contam. Chega a ser um não-valor.⁵

3. A antiutopia secularizada e a apocalíptica

O mercado total, em sua representação do automatismo do mercado, é, como tal, utópico no sentido de uma *societas perfecta* e de uma instituição perfeita. Trata-se, porém, de uma utopia que não é percebida como tal, mas é identificada com a realidade. Reconhecê-la é considerado realismo ou pragmatismo. Em conseqüência, este realismo aparente se opõe a todas as utopias, resultando daí que todas as imaginações de liberdade ou solidariedade, que questionam o mercado, pa-

5. Em novembro de 1985 foi publicada na Costa Rica a cópia de uma carta, que se dizia que fora escrita pelo ex-presidente José Figueres para a embaixadora da Nicarágua. A carta era uma falsificação com a intenção de denunciar Figueres como traidor da pátria. Um jornalista do jornal *La Nación* escreveu: "Se a carta realmente não foi enviada, deveria ter sido... a carta está bem concebida, corresponde a fatos de domínio público... era uma carta necessária" (*La Nación*, San José, 3-12-1985). Uma situação semelhante ocorreu na imprensa dos Estados Unidos depois do ataque à Líbia. Depois do bombardeio, no qual foram feridos dois de seus filhos e escaparam por acaso da morte, a senhora Kadhafy jurou em público matar o piloto com suas próprias mãos. Trata-se de uma reação totalmente compreensível da parte de uma mãe cujos filhos inocentes são ameaçados de morte. O jornalista, porém, concluiu que ela era terrorista e que, portanto, a violência exercida contra ela e seus filhos fora justificada: "... esta terrível cena foi outra advertência de que, apesar das precauções da semana passada, a loucura do terrorismo não está superada" (*Time*, n. 18, 5-5-1986, 13). Em ambos os casos, a realidade é completamente tautologizada. Quanto mais aumentam os atos de terrorismo antiterrorista por parte do governo dos EUA, tanto mais confirmação haverá de sua necessidade inevitável. Quanto mais falsificações forem descobertas, tanto mais é preciso falsificar, para se dizer o que os maus querem realmente dizer, mas que em sua hipocrisia não dizem. O inimigo é inimigo objetivo, porque todas as suas reações possíveis são transformadas em confirmação da tese daquele que o enfrenta como inimigo. Não se deve esquecer que o terror totalitário sempre foi apresentado como terror antiterrorista, do qual derivou sua boa consciência. Por isso é terrorismo entendido como humanismo, como imperativo categórico e como moral.

recem ser utopias. A ideologia do mercado total, portanto, se faz passar por antiutópica. De fato o é apenas em relação a todas as utopias ou horizontes utópicos que tornam presente uma liberdade ou solidariedade concretas. Ao fazer isso, especialmente com as utopias socialistas, a ideologia do mercado total é antiutópica em relação a elas. Por isso, antiutopia e antimessianismo são traços fundamentais, na medida em que se trata de projeções utópicas da solução de problemas concretos.

No entanto, desta sua antiutopia a ideologia do mercado deriva conseqüências utópicas. Desenvolve portanto uma utopia e promete sua realização como resultado da destruição de todas as utopias. Destruir movimentos utópicos ou imagens utópicas parece agora o caminho da realização da utopia. Do antiutopismo frenético esta ideologia deriva a promessa utópica de um mundo novo. A tese básica é: quem destrói a utopia, a realiza. Já o fato de se oferecer o mercado total como *societas perfecta* e como competição perfeita torna visível este horizonte utópico da antiutopia. As denominações escolhidas para dar nome a esta sociedade de mercado revelam já que o realismo de mercado pretendido não é mais do que um utopismo ilusório. Reagan se refere a esta sociedade do mercado total e agressiva como "cidade que brilha nas colinas", o que, na linguagem esotérica dos EUA, significa nada menos do que uma nova Jerusalém ou um reino milenar. Reagan anuncia a sociedade dos Estados Unidos como "luz eterna", como "catedral da liberdade" e como "guia iluminador de sempre para a humanidade". Assim a *societas perfecta* do automatismo do mercado recebe seu brilho utópico que brilha tanto mais quanto mais tenebrosa é a conspiração mundial do Reino do Mal. Para que esta utopia brilhe com maior luz, falta apenas destruir os utopistas que constituem o Reino do Mal. Trata-se de uma utopia antiutópica agressiva, cuja realização é o resultado da destruição de todos os utopistas do mundo.

O caminho para esta utopia não é garantir a paz e um desenvolvimento humano solidário. Ao contrário, os que querem isto são exatamente os utopistas. Para que a humanidade se

encontre a si mesma, é preciso garantir a luta e destruir a solidariedade. Querer a paz e o desenvolvimento solidário da humanidade é um sinal do Reino do Mal. A vida é luta e a liberdade consiste em ter a liberdade para lutar. A luta é o princípio de vida da sociedade. Portanto, quem está contra a luta está contra o princípio de vida da humanidade. Para isso é preciso uma luta que garanta este princípio de vida da sociedade, que é precisamente a luta. A utopia ameaça a existência desta luta e para isso é preciso fazer a guerra total contra a utopia. Ao ganhar esta guerra, cria-se um mundo novo que pode ser celebrado agora utopicamente. O fato de a luta se impor definitivamente como princípio de vida da humanidade aparece como mundo novo utópico.

A ideologia do mercado total não é mais do que a forma liberal do desenvolvimento desta ideologia de luta. Trata-se da ideologia de uma luta que é realizada no mercado e que é o princípio de vida do mercado e de toda a sociedade. É preciso proteger esta luta contra os intervencionistas para que possa dar seus frutos. O lema destinado a estender e assegurar esta luta de mercados é: "Mais mercado". A luta contra a utopia também aqui é uma luta que se trava para poder lutar livremente. Junto com a utopia, portanto, qualquer humanismo aparece como adversário. Sua destruição é celebrada de novo como recuperação do humano, que não é senão o respeito por esta luta.⁶

6. Esta mística da luta pode ser encontrada também em Paul A. Samuelson, prêmio Nobel de economia: "Independentemente de a mãe natureza querer ou não a diferenciação, está claro que ela apóia sempre aquele gênero que recebe sua maior graça: é aquele que sobrevive na luta darwiniana da existência... já o fato de ser capaz de chegar boxeando e usando os cotovelos para o último helicóptero que parte, ou de sobreviver na viagem oceânica feroz em um barco de escravos, dá garantia para energia e habilidade" (*Newsweek*, 26-05-1975). A mãe natureza é a luta e a competição. Quem quiser limitá-las ou abolí-las, ofende a natureza. Portanto, pacifismo e socialismo são antinatureza, contra a qual é preciso impor a natureza verdadeira, que é guerra e luta. Por isso Reagan fala do comunismo como "uma espécie de loucura que vai contra a natureza humana" (*Frankfurter Allgemeine Zeitung*, 20-11-1985). Portanto, pacifismo, socialismo, intervencionismo e reformismo são rebeliões contra a natureza, são antinaturais.

Esta mística de luta, apresentada como mística da natureza, está também por trás do retorno da geopolítica, que se tornou a ideologia dominante no sistema militar ocidental (ver HINKELAMMERT, Franz J., *Die Radikalisierung der Christdemokraten*. Berlim, 1976, p. 53s). A mesma mística de luta apareceu de novo na declaração de Santa Fé, que é uma declaração programática para o primeiro período de governo de Reagan (ver HINKELAMMERT, Franz J., *La política del mercado total, su teologización y nuestra respuesta. Pasos*, n. 1, 1985, DEI, San José, Costa Rica. Este artigo é o ensaio anterior neste livro).

Destruir a utopia para que o homem possa ser verdadeiramente humano, abolir o humanismo para que o humano possa ser recuperado, esse é agora o caminho para oferecer uma utopia na antiutopia.

Contudo, esta utopia antiutópica não celebra apenas o que há. Fundamenta um processo de mercado total que tem uma dimensão infinita para o futuro e ao qual é atribuída uma perspectiva. Esta sociedade de mercado não é apenas uma "cidade que brilha nas colinas". Encontra-se também num processo para alcançar este objetivo. Através de um processo infinito de totalização do mercado, chega a ter uma perspectiva infinita. Não é somente a presença de um princípio utópico mas também futuro utópico.

Por um lado, fabrica-se esta utopia através de uma manipulação da utopia socialista tradicional que se junta agora com relações de produção capitalistas. Isso implica algumas reformulações, mas são assumidas, nesta manipulação da utopia, imagens centrais de esperança surgidas na tradição socialista.

Isto pode ser demonstrado com o exemplo de um discurso de Reagan dirigido à juventude alemã em Hambach.⁷ Referindo-se às relações de produção capitalistas convida a que se faça:

parte de um novo grande movimento do progresso — a época do empresário. Pequenas empresas teriam que criar os novos postos de trabalho para o futuro.

Ele une esta referência ao anúncio de um futuro brilhante erigido contra a tirania:

Vocês podem seguir seus sonhos até as estrelas... e nós, que vivemos nesta grande catedral da liberdade, não devemos esquecer nunca: veremos diante de nós um futuro brilhante; veremos surgir as cúpulas da liberdade e — também podemos prever isso, o final da tirania, se crermos em nossas forças maiores — nossa coragem, nosso valor, nossa capacidade infinita de amor.

7. *Frankfurter Rundschau*, 7-5-1985.

Segue a descrição do futuro brilhante que desemboca em frases que, quase textualmente, poderiam ser de Bebel ou de Trotski:

Vamos transformar o extraordinário em cotidiano — assim age a liberdade. E os mistérios de nosso futuro não pertencem apenas a nós aqui na Europa e na América, mas a todos os homens em todos os lugares para todos os tempos... O futuro está esperando seu espírito criativo. De suas fileiras pode surgir no futuro da Alemanha um novo Bach, um novo Beethoven, um novo Goethe e um novo Otto Hahn.

Bebel havia dito:

As gerações futuras... realizarão sem maior esforço tarefas sobre as quais no passado cabeças extraordinárias pensaram muito e tentaram encontrar soluções, sem ter podido encontrá-las.

E Trotski dizia:

A média humana se erigirá até o nível de um Aristóteles, Goethe, Marx. Em cima deste cume se levantarão novas cúpulas.

Reagan une esta utopia que ele chama de “a verdadeira revolução da paz em liberdade” com utopias de progresso técnico e com a utopia de uma paz considerada como resultado de um armamentismo livre e sem limites.

Apresenta tudo isso como a lei da história:

A história não está do lado daqueles que manipulam o significado de palavras como revolução, liberdade e paz. A história, porém, está do lado daqueles que lutam em todo o mundo para uma verdadeira revolução da paz em liberdade.

Esta manipulação da utopia socialista, para adaptá-la a relações de produção capitalistas e usá-la para a legitimação do atual sistema dos EUA, tem uma história um pouco mais

longa. Já Zbigniew Brzezinski, em seu livro *Ideologia e poder na política soviética*⁸, elabora o significado da imagem do comunismo para a estabilidade do sistema soviético e deixa ver a ausência de uma perspectiva ideológica do futuro parecida nos EUA. Mais tarde, em outro livro⁹, Brzezinski tenta construir uma utopia análoga para o sistema estadunidense. No entanto, a solução de Brzezinski acabou sendo muito mecânica e artificial. O discurso de Reagan demonstra como se prefere enfim reformular diretamente a utopia socialista para seus próprios usos.

Trata-se de uma utopia secular, cuja origem racionalista é inegável até no caso em que é transformada em seu contrário. Ela tem sua importância naqueles círculos da nova direita dos EUA que provêm diretamente do neoliberalismo. Em certo sentido serve também para se opor àquele pessimismo cultural geral, que é derivado do problema do meio ambiente e da conseqüente crítica do progresso técnico em geral. Contudo, com toda certeza não se trata daquela utopia que garante à nova direita dos Estados Unidos, cujo presidente é Reagan, sua base de massas — o “conservadorismo de massas”.

Estas bases de massas provêm de uma tradição obscura do fundamentalismo cristão, especialmente protestante, nos EUA. Esta tradição lembra muitas vezes a literatura anti-semita da primeira metade deste século na Europa, tanto em seu primitivismo como também em seu anti-semitismo pronunciado. Embora seja pró-Israel, esta tradição é anti-semita. Os elementos com os quais se apresenta hoje nos EUA a conspiração mundial do Reino do Mal provêm desta tradição fundamentalista, apesar de se encaixarem muito bem na ideologia do mercado total proveniente do neoliberalismo.

Esta tradição fundamentalista surgiu a partir do século passado, unida a uma religiosidade que era entendida num sentido puramente privado. Recentemente, nos anos setenta, se tornou uma teologia política explícita sob a influência, especialmente, de Jerry Falwell e George Otis, que hoje são uma espécie de Rasputins da corte do presidente Reagan.

8. *Ideology and Power in Soviet Politics*. New York, 1962.

9. *Between two ages. America's Role in the technetronic Era*. 1970.

Da união deste movimento fundamentalista e do neoliberalismo surge a nova direita atual nos EUA. A ponte entre os dois é o antiintervencionismo extremo do qual ambos compartilham baseados em tradições diferentes. O antiutopismo desempenha em ambos um papel parecido. Todos os elementos que o neoliberalismo combate em nome de seu antiintervencionismo são considerados no fundamentalismo como obras do Anticristo e, portanto, interpretados em termos metafísicos e religiosos. O socialismo e a democracia social, mas também todo reformismo, a unificação da Europa, as Nações Unidas, qualquer pacifismo e toda as atividades sindicais, do ponto de vista fundamentalista, são anúncios ou obras do Anticristo, que sobem do reino da besta. De modo diferente dos restos racionalistas da utopia secular, esta visão fundamentalista da história é, no entanto, sumamente pessimista. Segundo ela, o Reino do Mal tem forças demais e seguramente leva à catástrofe absoluta da humanidade. Embora os bons se defendam, a atividade do mal desemboca numa batalha final chamada Harmagedon — uma espécie de Crepúsculo dos Deuses.¹⁰

10. Em seu livro *O triunfo da política*, David Stockman atesta esta proximidade entre fundamentalismo e neoliberalismo. Ele chama de monstro e besta tudo o que não é mercado. De um professor liberal seu diz que “em três meses destruiu tudo aquilo em que havia acreditado, desde o bom Deus até a bandeira das estrelas” (segundo publicação de capítulos do livro no *Spiegel*, n. 16, p. 201). Considera a política enquanto tal como intervencionismo: “os políticos estão arruinando o capitalismo americano” (*ibid.*, p. 210). Como o intervencionismo cria dependências, Stockman quer cortar o cordão umbilical da dependência. “Meu plano confiava numa dor breve e aguda, em favor de uma recuperação da saúde a longo prazo” (*ibid.*, p. 219). “Isso significava também o corte repentino da ajuda social para os necessitados com capacidade de trabalho... apenas um chanceler de ferro o poderia ter imposto (n. 16, p. 219)... um “matador de dragões” (*ibid.*, p. 222).

Conta como caiu nas mãos dos utopistas. Fui “seqüestrado por uma horda de amigos da paz esquerdista para duas gigantescas babéis pecaminosas”. Uma era um seminário com pensamentos liberais: “desarmamento atômico, integração de raças e outras utopias”. Refere-se à outra quando conta: “Com que medo estava eu no hall do edifício da ONU, aquele bastião dos defensores da distensão, dos comunistas e dos hereses esquerdistas. Eu tremia pensando na ira de Deus sobre minha estadia neste mercado de maldade...” (*Spiegel*, n. 17, p. 177). O que ele não menciona, tendo-o obviamente presente, era: a sede do anticristo.

Salvou-se lendo Niebuhr: “Niebuhr era um crítico sem piedade do utopismo” (*ibid.*, p. 177). Ele mesmo se transformou agora num matador de dragões. Sobre a “propensão para a economia estatal” fala como de um “monstro” e diz: “... eu o combati com uma espada da forja do economista do mercado F. A. Hayek”.

Mas em sua luta contra a utopia ele retornou à utopia, se bem que agora em forma antiutópica: “Num sentido mais profundo, no entanto, a doutrina nova da oferta não era senão uma reedição de meu velho idealismo social sob forma nova e, como eu acreditava, amadurecida. O mundo podia começar de novo desde o começo. As crises econômicas e sociais, que estão aumentando, poderiam ser superadas. Os males herdados mais velhos do racismo e da pauperização poderiam ser superados através de reformas profundas que partiriam das causas políticas. Mas, sobretudo, a doutrina da oferta ofereceu uma alternativa idealista para o sentido do tempo cínico e pessimista” (*ibid.*, p. 185). As reformas

Para o fundamentalista, porém, a esperança está precisamente na chegada desta catástrofe. Quanto pior, tanto melhor. Porque na batalha final Cristo volta. "Cristo vem" é uma esperança que se torna tanto maior quanto pior estiverem as coisas. Na catástrofe final, Cristo vem para iniciar o reino milenar destinado aos bons, que se defenderam do Anticristo. Os intervencionistas, porém, vão para o inferno por toda a eternidade. Os bons, contudo, já aqui são os portadores deste reino milenar. Quanto mais política se tornar esta esperança da catástrofe, mais se começa a falar do "Harmagedon atômico". Ao aceitar isso se declara "o papel sacrificial" que têm que desempenhar os EUA. Deste modo, até a guerra atômica se transforma em esperança verdadeira, em passo necessário para a chegada do reino milenar. Tanto Reagan como também Weinberger fazem suas visões deste tipo.¹¹

A lei da história subjacente aqui torna-se absolutamente metafísica e determinista. Este futuro de catástrofe é considerado algo absolutamente fatal; como desígnio eterno de Deus, escrito de uma vez por todas nas profecias bíblicas.

As descrições do reino milenar feitas neste contexto não são mais do que as imaginações de um mercado total que foi realizado totalmente nestes mil anos.

Desta maneira se completa o mundo utópico da nova direita dos EUA. Para muitos, ele tem algo. Mas sempre tem como seu elemento central a destruição do utópico como passagem para a utopia realizada.

Desta maneira, a utopia socialista manipulada e a igualmente manipulada esperança do reino milenar dão à nova direita dos Estados Unidos o contraste brilhante ao Reino do

fundamentais, que partem das causas políticas, são ações contra qualquer intervencionismo e qualquer influência política no mercado. O idealismo social notável de Stockman ajuda o desempregado tirando-lhe seu subsídio de desemprego e celebra esta medida como um passo para o caminho realista em direção da eliminação da pobreza e do desemprego.

Tudo isso tem um fundo religioso, que coincide nitidamente com o fundamentalismo cristão. Stockman fala sério totalmente do "evangelho da oferta" (*ibid.*, p. 185) e diz de Reagan que se "converteu para a religião da oferta" (*ibid.*, p. 192). Trata-se de uma biografia que explicita bem o surgimento da utopia antiutópica.

Sobre a ideologia do neoliberalismo, ver HINKELAMMERT, Franz J., *Crítica a la Razón Utópica*. DEI, San José, Costa Rica, 1984, p. 53-94.

11. Ver *Le Monde Diplomatique*, em espanhol, artigo de Konrad Ege, dezembro de 1985, p. 20-21.

Mal. Quando Reagan chama hoje os EUA de "cidade que brilha nas colinas" e, portanto, reino dos mil anos, isso tem um sentido diferente do que poderia ter tido uma denominação idêntica no século XIX.

4. *Cirurgia social: extirpar um câncer*

A técnica social da *societas perfecta* do mercado total, a fabricação de uma conspiração mundial pelo Reino do Mal e o brilho conseqüente da antiutopia do reino milenar, transformam qualquer adversário em irracionalidade pura e lhe negam qualquer valor próprio. Ele é diagnosticado como imundície ou enfermidade.

Este processo da destruição moral do adversário segue um esquematismo determinado, resultado da postura negativa em geral do pensamento burguês atual. Qualquer afirmação de um valor próprio deriva da negação do valor do adversário. Quanto mais alguém se valorizar, mais baixo é valorizado o adversário. Atribuindo a si mesmo um valor absoluto, o adversário é declarado um não-valor.

Trata-se especialmente de três grandes negações sobre as quais se fundamenta este esquema. São elas a negação do utopismo e do messianismo, a negação do estatismo e intervencionismo e a negação do terrorismo. Pretende-se solucionar problemas reais ou aparentes, que de fato existem nestes campos, agindo no sentido exatamente contrário a estas negações. Quanto mais radicalmente se realiza este contrário, porém, tanto mais se reproduzem estes mesmos problemas a um nível sumamente radicalizado. Portanto, não se dá nenhuma solução mas um reforço aos problemas focalizados. Ao querer solucionar os problemas da ação utopicamente inspirada, cria-se uma utopia antiutópica totalmente irracional, que ameaça todas as seguranças que restam e que é obstáculo a todos os caminhos para a solução racional dos problemas. Quer-se combater o terrorismo mas, para fazê-lo, cria-se um terrorismo que supera quantitativa e qualitativamente qualquer terrorismo que de fato deveria ser combatido. Assim se decla-

ra que se quer destruir o terrorismo de uma vez por todas. Sobre o assassinato de reféns em Beirute, depois dos ataques aéreos contra a Líbia, Reagan diz:

Isto torna a demonstrar que devemos fazer algo para deter o terrorismo de uma vez por todas e conjuntamente.¹²

Quanto mais decididamente se quer superar o terrorismo de uma vez por todas, mais terroristas têm que se tornar os anti-terroristas. Da mesma maneira como surgiu a utopia anti-utópica, aparece agora o terrorismo antiterrorista, que supera tudo o que o terrorismo poderia ter feito.

O terceiro "anti" é dirigido contra o Estado e o intervencionismo. Para evitar o intervencionismo, o Estado tem que se tornar Estado absoluto. Deste modo o antiestatismo se torna Estado absoluto. Neste sentido diz, por exemplo, F. A. Hayek:

Quando um governo está falindo e não há regras conhecidas, é necessário criar as regras para dizer o que pode ser feito e o que não pode ser feito. Nestas circunstâncias é praticamente *inevitável que alguém tenha poderes absolutos*. Poderes absolutos que deveriam usar justamente para evitar e limitar todo poder absoluto no futuro.¹³

O utopismo absoluto para superar a utopia, o terrorismo absoluto para deter o terrorismo de uma vez por todas, o Estado absoluto para que nunca mais possa haver um Estado absoluto, o armamentismo absolutamente ilimitado para que todas as armas percam sua periculosidade.

Essa é a dialética totalitária como já é conhecida. Não se soluciona nenhum problema mas todos os problemas são radicalizados, desembocando no nihilismo. Desta maneira cria-se uma dinâmica ilimitada, que não tem fim, porque estas negações ativas reproduzem constantemente a razão de sua própria existência. Esta dinâmica totalitária do poder pode finalmente relativizar seu próprio ponto de partida, que é o mer-

12. *El País*. Madri. 18-04-1986.

13. Entrevista ao *El Mercurio*. Santiago do Chile, 14-04-1981.

cado total, de maneira igual como a revolução devora seus filhos. A dinâmica perde o pragmatismo aparente, com o qual começa, e deixa de considerar os interesses próprios, com o qual se torna capaz da radicalização ilimitada.¹⁴

Este processo, que através de negações ativas cria a radicalização absoluta, leva por sua vez à desvalorização absoluta do adversário. A técnica social do mercado total se transforma em ação de limpeza e de cirurgia social. A afirmação do valor absoluto da vida não desemboca na afirmação do valor absoluto da vida de todos os homens, mas na afirmação do não-valor absoluto da vida dos outros.

A campanha do não-valor de todos os adversários é dirigida, na América Central, especialmente contra a Nicarágua, usando como ponte a campanha contra a Líbia.

Isso começou nos anos 1984-1985 com a propaganda contra o tráfico de drogas. Afirmava-se constantemente que o governo sandinista da Nicarágua era o centro do tráfico de drogas da América Latina. Emissoras de rádio e de televisão repetiram diariamente o seguinte: "O comerciante de drogas é lixo humano... denuncia-o".¹⁵

14. O movimento totalitário tem que controlar os meios de comunicação, mas a censura à imprensa de modo algum é parte essencial do totalitarismo. Não é preciso que o controle dos meios de comunicação seja feito pelo Estado. Pode ser realizada também através da propriedade privada e o mundo dos negócios. Esta última é a forma atual. Este controle se realiza principalmente por meio de financiamento da propaganda comercial pelo mundo dos negócios. Ao se polarizar a sociedade, o mundo dos negócios não se divide, mas forma um dos pólos. Quanto mais progredir a polarização, tanto mais a propaganda comercial se transforma numa instância homogênea de controle, para a qual não existe nenhum contrapeso.

Um meio adicional de controle sempre foi o assassinato. Na medida em que o controle da imprensa por parte do mundo dos negócios não era suficiente, os regimes da segurança na América Latina usaram freqüentemente o assassinato de jornalistas, especialmente em El Salvador, Guatemala, Chile, Argentina, Uruguai e Brasil. Raramente foi utilizada uma censura estatal da imprensa.

15. Depois do acidente na central atômica de Chernobyl, a UPI falou de mais de dois mil mortos e acrescentava que "as pessoas não eram enterradas em cemitérios comuns mas no povoado de Pirogoy, onde habitualmente é enterrado o lixo radioativo" (*La Nación*, San José, 30-04-1986). Esta notícia falsa apenas revela que aquele que a transmite considera estes mortos como lixo. São lixo e, portanto, são tratados como lixo.

Considerar o homem marginalizado como lixo é feito sempre mais freqüentemente no mundo ocidental. Depois de anunciar que vai "aterrorizar os terroristas", o ministro do interior da França, Charles Pasqua, promete se empenhar em que a "França deixe de ser uma lixeira" — de estrangeiros e asilados. Promete terminar com o "humanismo gritador da esquerda" (*Spiegel*, n. 19, 5-5-1986, p. 140-141).

Durante o ano de 1985 esta referência ao adversário como lixo humano passou para um segundo plano e, a partir de setembro de 1985, foi progressivamente substituída pela referência ao câncer. Esta é ainda hoje a referência mais comum. George Shultz, perante a Comissão de Relações Exteriores do Congresso dos EUA, chamou a Nicarágua de:

... um câncer aqui em nossa massa continental, que procura se estender por vários meios.¹⁶

Depois declarou na Universidade de Kansas:

A Nicarágua é o câncer que nós devemos extirpar.¹⁷

A ele se juntou Flaminio Piccoli, presidente do partido democrata cristão italiano:

O regime sandinista é um câncer iníquo, que tem a fatal necessidade de exportar sua revolução.¹⁸

Elliot Abrams, secretário de Estado adjunto para assuntos americanos, sugeriu que é pior ser comunista do que “bandido ou malfeitor”.¹⁹ O vice-presidente George Bush chamava Khadafy de “cachorro raivoso” ao visitar o porta-aviões Enterprise no mar Mediterrâneo. Reagan usou a mesma expressão.²⁰ Alguns dias antes dos ataques aéreos à Líbia, Bush anunciou “operações cirúrgicas” contra o terrorismo líbio.²¹ Em seu discurso perante o Congresso, por ocasião da votação sobre uma ajuda de cem milhões de dólares para os “contras” da Nicarágua, Reagan se apresentou também como cancerólogo. Falou do perigo de “o câncer maligno em Manágua... se converter numa ameaça mortal para o mundo inteiro”. Falou também da “tragédia” que pode significar permitir que “este câncer se estenda, deixando meu sucessor perante decisões

16. *La Nación*, San José, 28-2-1986.

17. *Ibid.*, 15-4-1986.

18. *Ibid.*, 22-3-1986.

19. *Ibid.*, 20-12-1985.

20. *La Nación*, San José, 10-4-1986. O “cachorro com raiva” tem história. Wischinski, o fiscal superior nos processos de expurgos stalinistas, terminou seu discurso de acusação no processo contra Zinoviev e Kamenev, etc., com a frase: “fuzilem-nos como cachorros raivosos”. Também os declarou terroristas, dando aos processos de expurgo o caráter de processos antiterroristas. Ver PIRKER, Theo (ed.), *Die Moskauer Schauprozesse 1936-1938*. DTV, München, 1963, p. 141.

21. *La Nación*, San José, 14-4-1986.

muito mais agonizantes nos anos vindouros".²² Conclamou a "levar a democracia a seu país e eliminar esta ameaça comunista desde a raiz". Como contraponto utiliza novamente o brilho utópico, que surge do extermínio dos adversários:

Deixaremos uma América segura, deixaremos uma América livre, deixá-la-emos como o guia iluminador de sempre para a humanidade, como luz eterna diante de todas as nações.²³

Depois dos ataques aéreos à Líbia, Reagan acusou a Nicarágua de "procurar construir outra Líbia" nas portas dos EUA. Não tolerará "o que equivale a atos de guerra contra o povo norte-americano".²⁴

Isto, na linguagem totalitária, significa nada mais do que o anúncio de tratar a Nicarágua como foi feito com a Líbia. Por trás de todas estas ameaças, porém, brilha a utopia anti-utópica de uma luz que procede da destruição das trevas.

Mas o Reino do Mal está em toda parte. Líbia está em toda parte, Nicarágua também está e Cuba está em toda parte. Todos têm um senhor que dirige esta conspiração mundial. Esta tem lugar no mundo inteiro contra a "cidade que brilha nas colinas", contra o "guia iluminador de sempre para a humanidade", contra "a luz eterna diante de todas as

22. Este tipo de referência ao adversário é na realidade muito velha. Já Cícero chama os partidários de Catilina de "lixo" e seu movimento de uma "enfermidade da república (que) será aliviada matando este, mas, enquanto os outros continuarem vivos, contagiarão o perigo"; "... não há nada suficientemente cruel e qualquer decisão que tomarmos é humanitária e compassiva", e conclui com uma oração a Júpiter: "Castiga-os, vivos e mortos, com os suplícios eternos". Cícero fala do mesmo modo que Reagan fala dos sandinistas: "Há algum crime ou maldade que ele não tenha tramado durante os últimos anos?" O império romano se referiu desta mesma maneira aos cristãos de seu tempo. Mais tarde os cristãos se referirão, segundo este mesmo esquema, a seus próprios adversários. Também a Inquisição chamava os movimentos hereges de "úlceras". John Locke pedia que os adversários fossem tratados como "bestas selvagens". No século XIX e XX os papas chamaram os movimentos marxistas de "pestilentos" e "essencialmente perversos".

Em todos estes casos se trata de tirar do adversário sua dignidade moral, antes de agir contra ele. A novidade de hoje é que isso é derivado de uma interpretação da sociedade como *societas perfecta*, interpretada em termos de uma tecnologia social, que leva a níveis desconhecidos de terror (ver ARENDT, Hannah, *The Origins of Totalitarianism*. New York, 1951). O precursor mais importante é a Inquisição da Idade Média, que usa pela primeira vez a *societas perfecta* — aplicada à Igreja — como ponto de partida do terror (ver HINKELAMMERT, Franz J., "El Dios mortal: Lúcifer y la Bestia: la legitimación de la dominación en la Tradición Cristiana", in: TAMEZ/TRINIDAD (ed.), *Capitalismo: violencia y anti-vida*. Tomo I, DEL, San José, Costa Rica, p. 200-313. Ver também COHN, Norman, *Europe's Inner Demons*. San José, 1975).

23. *Barricada*, Manágua, 19-3-1986.

24. *La Nación*, San José, 23-4-1986.

nações". Mas, uma vez que todas estas expressões utópicas se referem aos Estados Unidos, os interesses nacionais dos EUA estão ameaçados em toda parte. Pontos do globo, onde, segundo o governo dos EUA, seus interesses estão ameaçados, são, por exemplo: o Canal do Panamá, o Canal de Suez, o Estreito de Cingapura, o Cabo da Boa Esperança, o Belt, os Dardanelos, Gibraltar, Filipinas, e muitos outros. Deste modo, a fabricação da conspiração mundial, a qual é preciso combater através de negação ativa, não é mais do que uma projeção que serve para erigir a ditadura da segurança nacional dos EUA sobre o mundo inteiro. Esta ditadura se estende e a conspiração mundial se torna sua fundamentação fictícia e mítica. Realiza-se uma luta em frente de espelhos, na qual o lutador, que está em frente do espelho, é completamente real e luta em nome de sua imagem contra outros, que também são completamente reais, mas que agora são considerados como um câncer no corpo da humanidade.

Esta ditadura mundial da Segurança Nacional, que nos ameaça, é fundamentada de uma maneira surpreendentemente semelhante ao que ocorreu com as ditaduras anteriores de segurança nacional. O antiutopismo, o antiterrorismo e o antiestatismo sempre foram as miragens dominantes, que deram a base para a aparição da utopia antiutópica, do terror anti-terrorista e do Estado absoluto antiestatista. Também a abolição dos direitos humanos e a negação do valor do próprio homem foram baseados na analogia do câncer. Indonésia em 1965, China em 1973, Argentina, Uruguai, Guatemala; sempre se tratou do mesmo método. Sempre se anunciou a necessidade de extirpar um câncer. Contudo, agora se anuncia como política mundial o que antes era política nacional de alguns países.²⁵

25. O totalitarismo do qual estamos falando é uma espécie de espírito das instituições. Contudo, não é instituição. Portanto, é impossível evitá-lo através de garantias institucionais ou de direito formal. Hoje já não pode haver dúvida de que também a democracia burguesa — entendida como instituição — de modo algum é uma garantia contra o totalitarismo. Ele pode se desenvolver tanto dentro de suas instituições como dentro de outros tipos institucionais. Entendemos aqui por totalitarismo um movimento que polariza radicalmente o mundo a partir da imaginação de uma institucionalidade perfeita, passando da técnica social derivada desta institucionalidade perfeita para o terror social. O totalitarismo reduz o sujeito a uma única relação social e o isola ao fazer a institucionalidade perfeita parecer a única necessária. O conceito desta institucionalidade perfeita é derivado das relações sociais de produção dominantes em cada caso.

Tratando-se agora da ditadura mundial da Segurança Nacional dos EUA, aparecem especificidades ligadas ao fato de os EUA serem o primeiro poder militar e atômico do mundo. Quanto mais os EUA interpretam sua política através de mitos e se emancipam da realidade, tanto mais se mostram dispostos ao suicídio coletivo da humanidade e podem tornar crível este fato. A tentativa de uma ditadura mundial por parte dos EUA deriva seu poder desta disposição.

Este poder todo-poderoso é igualmente negativo, no mesmo sentido no qual todo este movimento parte de simples negações. Se o poder todo-poderoso do criador é o poder de criar o mundo, assim o poder todo-poderoso destes mitólogos é poder destruir a criação. Aquele que destrói a criação, não é ele tão todo-poderoso como aquele que a criou?²⁶

Dentro da sociedade socialista o totalitarismo stalinista surgiu a partir do conceito de planificação perfeita, como consequência das relações socialistas de produção. Sua institucionalidade perfeita, portanto, era a planificação. Na sociedade capitalista o primeiro movimento totalitário ocorreu no nazismo alemão que derivou sua institucionalidade perfeita da imagem de uma pureza racial, constituindo sua sociedade totalitária como sociedade de guerra. No movimento totalitário atual, a institucionalidade perfeita se tornou o mercado projetado como mercado total que isola o sujeito reduzindo-o exclusivamente às relações do mercado.

Este conceito de totalitarismo se baseia na teoria de Hannah Arendt (*The Origins of Totalitarianism*. New York, 1951). É contrário ao conceito de totalitarismo de Carl J. Friedrich e Zbigniew K. Brzezinski (*Totalitarian Dictatorship and Autocracy*. Cambridge, Massachusetts, 1956).

Friedrich parte de critérios institucionais, o que o impede de passar por cima de uma simples descrição de sistemas políticos determinados. São escolhidos arbitrariamente critérios que valem para o adversário político e que, por necessidade intrínseca, jamais podem ocorrer no sistema social no qual o autor vive. Portanto, com necessidade dedutiva pode denunciar o adversário político como totalitário, ao passo que pela mesma razão dedutiva o próprio sistema jamais o possa ser. Friedrich soluciona o problema fazendo-o desaparecer através de uma definição arbitrária. Deste modo o conceito de totalitarismo é transformado em elemento de polarização totalitária do mundo. Assim, perde o valor crítico que tem na análise de Hannah Arendt. Baseado na teoria de Friedrich, portanto, o totalitarismo atual pode se apresentar como luta total contra o totalitarismo. Deste modo é integrado no totalitarismo como um de seus instrumentos ideológicos de luta. Jeane Kirkpatrick popularizou este conceito de totalitarismo na América Latina com o resultado de que há regimes totalitários como as ditaduras militares do Chile, Argentina e Uruguai, mas também os regimes de El Salvador e Guatemala são chamados regimes autoritários e libertários. Realmente, depois do fascismo italiano, que se autodenominava totalitário, embora não o fosse nos termos atuais do conceito, nenhum regime totalitário se deu este nome. Já os nazistas rejeitaram o nome totalitário para seu sistema e o chamaram de autoritário.

26. A fé em Deus é precisamente a base para a credibilidade da disposição ao suicídio coletivo da humanidade. É uma lenda crer que a fé em Deus e a moralidade tenham alguma correlação *a priori*. Também a imoralidade absoluta pressupõe a fé em Deus. Parte desta lenda é a crença comum na América Latina e nos Estados Unidos segundo a qual o nazismo foi ateu. Jamais o foi. Na justificação da injustiça mais absoluta, que os nazistas fizeram, desempenharam um papel central o Deus senhor da história, o Todo-poderoso e a Providência. A frase de Dostoyewski: "Se não há Deus, tudo é lícito" pode também ser invertida. Se há Deus, torna-se possível a imoralidade mais absoluta.

Crer em Deus torna possível dar ao suicídio coletivo da humanidade uma

Novamente estamos defronte de um movimento niilista, motivado por uma tradição apocalíptica, que tem suas raízes na disposição ao suicídio coletivo da humanidade.

Mas já não há solução militar. Ela seria a realização da meta — possivelmente ainda inconsciente — deste movimento, seu Harmagedon tão ansiado. Possivelmente já nem reste a solução das guerras nacionais de libertação. Estas pressupõem o reconhecimento pelo menos de fatos políticos. Depois da vitória bolchevique na Rússia em 1917, era preciso o reconhecimento deste fato político por parte dos poderes ocidentais. Eles podiam ter criado “contras”, da mesma maneira como fazem hoje os Estados Unidos na Nicarágua, para sangrar a União Soviética sem deixar jamais terminar a guerra civil. Algo parecido ocorreu na Grécia depois da II Guerra Mundial. Os *partisans* perderam e a União Soviética do tempo de Stalin reconheceu este fato político. Também poderia ter organizado “contras” para sangrar a Grécia. Mas foi reconhecido um fato político. No entanto, quando o primeiro poder mundial deixa de reconhecer fatos políticos e dissolve a política na idéia da realização de um mito, dissolvem-se os

racionalidade aparente. Ele pode ser declarado como vontade de Deus e, depois de haver Deus criado o mundo em sete dias, não pode repetir esta criação uma segunda vez? Desta maneira a crença em Deus se transforma na justificação da irresponsabilidade mais absoluta. O bispo Pablo Vega, presidente da conferência episcopal da Nicarágua, diz: “Há agressão militar, mas há também agressão ideológica e, obviamente, é pior matar a alma do que o corpo” (*Amanecer*, Manágua, n. 36-37, p. 36). Isso se repete constantemente. Por exemplo: “... o homem sem alma não vale nada mas, sem corpo, vive” (*Nuevo Diario*, 13-3-1986). Quer dizer, os “contras” matam apenas o corpo, sem o qual o homem pode viver, ao passo que os sandinistas matam a alma, o que faz morrer o homem, mesmo que viva. Essa é a apologética do genocídio desde a Inquisição medieval. Desta propaganda do genocídio surge a imagem gloriosa da perfeição, que nesta teologia da Contra não é da instituição perfeita mas da personalidade perfeita: “Cairão mil à sua direita e dez mil à sua esquerda, mas a ele (o cardeal) não tocarão os inimigos, porque é um escolhido do Senhor... A vida do Cardeal Obando é um espelho onde a glória de Deus se reflete... não fala em nome próprio, mas por sua boca fala o Senhor” (*La Prensa*, Manágua, 14 de julho de 1985). Ver a análise de Pablo Richard: *La Iglesia de los pobres en Nicaragua*. Revista *Pasos*, n. 5, DEI, San José, Costa Rica, abril de 1986. As frases citadas do bispo Vega levam ao suicídio coletivo da humanidade se forem aplicadas a esta humanidade.

A fé em Deus somente pode ser libertadora se parte da afirmação da vida corporal presente. Caso contrário, vai contra qualquer humanismo.

Desta maneira, a relação entre teísmo e ateísmo se torna mais completa. O ateísmo certamente pode levar ao “tudo é lícito”, como o afirma Dostolewski. No entanto, por outro lado, precisamente o ateísmo é incapaz de racionalizar o suicídio coletivo da humanidade como realização do homem verdadeiro. Ver HINKELAMMERT, Franz J., *Las armas ideológicas de la muerte*. DEI, 2ª edição revista e ampliada, San José, Costa Rica, 1981.

próprios fatos. Deixa de haver fatos políticos e tudo se dissolve num movimento agressivo, um nada que grita e que pode fazer desaparecer o mundo em seu abismo. Uma solução, portanto, tem que ser sumamente elementar e terá como suposição a atividade de oposição nos próprios países centrais. Dado que as armas pouco servem, deve tratar-se sobretudo de uma resistência civil. Isso pode significar que o mundo torne a ser diocleciano para aqueles que fazem resistência.

Contudo, qualquer resistência precisa de uma meta. Antes de poder falar de direitos humanos, ou até de fatos reais, deve ser possível dizer que homem é preciso respeitar através desses direitos. É preciso voltar a constatar que nenhum homem é lixo humano, que nenhum é cachorro raivoso ou besta com rosto humano, que ninguém é parasita ou se encontra no nível dos piolhos ou pulgas e que ninguém é um câncer no corpo da humanidade, que é preciso extirpar. Tudo isso é uma novidade absoluta dentro da civilização ocidental. Falando-se apressadamente dos direitos humanos, deixa-se de perceber que uma grande parte da humanidade não é mais considerada como seres humanos e ela, portanto, não é levada em consideração como sujeito de nenhum direito. Que sentido tem falar de direitos humanos quando o poder maior e mais importante de nosso tempo declara grupos humanos inteiros como um câncer no corpo de povos ou da humanidade? Não é óbvio, e nunca foi, que o pobre, o marginalizado, e também aquele que resiste, seja um homem. Muitas declarações de direitos humanos incluem de fato apenas uma parte da humanidade, porque não incluem aqueles seres humanos que não são considerados como homens. Quem chama seres humanos de câncer, pode depois facilmente reconhecer direitos humanos. Um câncer não é um ser humano e portanto não é válida para ele a declaração dos direitos humanos. É fácil — e além disso é tradição centenária européia e norte-americana — fazer declarações de direitos humanos com a condição de que nem todos os seres humanos são realmente tais. Desde a consideração de que a população original da América é composta de seres sem alma, até a consi-

deração de seres humanos como infra-humanos ou como lixo ou câncer, há uma linha contínua de nossa tradição.²⁷

Há um processo de solapamento interno dos direitos humanos, que parte da consideração de grupos humanos inteiros como não-humanos. Isto pode ser notado especificamente na limitação dos direitos humanos aos direitos humanos liberais, cuja tendência é impor o automatismo do mercado como base da ordem social. Dado o fato de que o mercado tira automaticamente as possibilidades concretas de vida de grupos humanos inteiros, estes marginalizados aparecem como seres não completamente humanos. O mercado deixa apenas para alguns a possibilidade de sua realização humana, tirando-a dos outros.

Ninguém pode ser homem sem ter as possibilidades concretas para viver. Isso supõe inevitavelmente as condições materiais de vida. Está na essência da sociedade do próprio mercado fazer estas possibilidades concretas de vida depender dos resultados do mercado e impedir, portanto, o acesso a elas para grupos humanos determinados. Falta apenas desenvolver o mercado para o mercado total, para ter todas estas conseqüências.

Isto significa que apenas podem ser garantidos os direitos humanos se for concedido a todos os homens serem legitimamente sujeitos de possibilidades concretas de vida. Isso implica um conflito com a sociedade de mercado, na qual o automatismo do mercado é o mecanismo central de regulação.

27. Esta situação dificulta a discussão sobre os direitos humanos. Isso se torna visível no caso dos presos políticos. Onde avança o totalitarismo na América Latina quase não há presos políticos. Tampouco exercem um papel importante os campos de concentração ou prisões no sentido clássico do século XIX. Os perseguidos desaparecem no buraco negro dos aparelhos policiais. Os lugares de tortura e de aniquilamento formam o caminho para a morte, sem nenhuma publicidade.

A existência de presos políticos pressupõe um reconhecimento de sujeitos cujos direitos são violados. Embora violados os direitos humanos, o sujeito mesmo de tais direitos continua existindo. Portanto, continua havendo uma perspectiva de desenvolvimento futuro que dá sentido ao protesto contra as violações. O totalitarismo dos regimes da segurança nacional, porém, apaga o próprio sujeito. Onde não existem direitos, direitos não são violados. Perante o totalitarismo não existe aquele sujeito pressuposto no protesto pela violação dos direitos humanos. Realmente não existe. O homem não é sujeito por natureza, mas chega a ser sujeito no caso de ser reconhecido como tal numa relação social mútua. Na discussão sobre o totalitarismo apenas Hannah Arendt pronunciou esta perspectiva.

Por esta razão, a superação do automatismo do mercado é a condição para fazer a vida de maneira que seja possível conceder a todos os seres humanos a dignidade humana e podê-los ver e tratar como sujeitos de direitos humanos. Contudo, isso implica o controle do mercado através de um plano global, quer dizer, através de um intervencionismo planejado, que pode dar a todos os homens a possibilidade da integração econômica para poderem chegar a ser sujeitos concretos.